

enviara-lhe um exemplar do que chama uma primeira edição deste livro. Apresenta testemunhos de que foi lido por ela, que dele terá dito – segundo testemunho da Priora – «que era o que estava mais real». Esse exemplar foi, por isso, integrado na biblioteca do Carmelo de Coimbra.

JORGE COUTINHO

RELIGIÃO / RELIGIÕES

LIBANIO, João Batista, *¿Cual es el futuro del Cristianismo?* col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 205 p., 210 x 135, ISBN 978-8-4-285-4617-1.

Desafiados pelo decréscimo do número de cristãos no mundo ocidental e pelos novos desafios que uma cultura profundamente nova em relação àquela a que estávamos habituados há poucas décadas atrás, vão sendo já numerosas as reflexões e os escritos sobre o incerto futuro do cristianismo e da Igreja, nomeadamente neste espaço do Ocidente. J. B. Libânio – jesuíta brasileiro, professor na Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte e com responsabilidades pastorais numa paróquia – é figura bem conhecida nos meios teológicos e eclesiais portugueses. Neste livro, editado no Brasil em 2006, junta-se a outros analistas e pensadores na preocupação de descortinar esboços para a figura da Igreja do futuro e vias para uma pastoral na linha de um cristianismo segundo Cristo Jesus.

Curiosamente, o seu contributo neste livro tem a singularidade de procurar compreender o presente e aduzir possíveis

caminhos de futuro a partir de uma análise do que foram, em suas sucessivas fases, o cristianismo e a Igreja do passado. Subjacente está, com certeza, o velho ditado «A história é mestra da vida». Começa, mesmo, pelo fundador, Jesus Cristo: sua identidade; o que, em consequência é (verdadeiramente) cristianismo, Igreja, enfim, ser cristão. A figura de Jesus é analisada em diversas facetas, que se tornam sugestivas para comportamentos análogos, ou em situações análogas, por parte dos cristãos: Jesus e o Baptista, e os essênios, e os fariseus, e os zelotes... o homem Jesus... Um capítulo é dedicado ao «movimento de Jesus depois da morte», com a irradiação da sua mensagem e da figura de Ressuscitado. Segue-se outro capítulo sobre o cristianismo e as perseguições romanas, realçando, entre outras coisas, as razões políticas das perseguições, a resistência cristã, o testemunho de vida dos cristãos. Vem depois o que J. B. Libânio chama «a simbiose do Império». De destacar aí aspectos vários que têm sido postos em evidência nos estudos dos últimos tempos, desconstruindo a ideia (exclusivamente) positiva da Igreja constantiniana: a passagem do cristianismo «das catacumbas aos palácios», a irrupção da presença pagã, o cristianismo como religião oficial e a oscilação entre o cesaropapismo e o clericalismo. Em modo de conclusão deste capítulo, faz o balanço desta Igreja constantiniana, que pensou poder instaurar o reino de Deus em plenitude já na terra e, ainda por cima, na base do poder, que não do serviço. Entre outras coisas, verá, a seu tempo, como um dos seus frutos, o surgimento da Inquisição. Desta época de Críandade faz questão de pôr em relevo, dedicando-lhes um capítulo próprio, diversos movimentos carismáticos, como reacção e resistência ao regime eclesial instaurado e vigente ao longo de toda a Idade Média: o montanismo,

os inícios da vida consagrada, Joaquim de Fiore, os cátaros e os *patarinos*, os valdenses, Francisco de Assis... São movimentos que irão culminar na grande ruptura da Reforma (séc. XVI). Os últimos três capítulos mostram as incidências mais próximas de nós, no tempo, sobre o rumo do cristianismo e da Igreja. Primeiro o embate com a modernidade, com a difícil compreensão e aceitação por parte da Cristandade, especialmente da parte católica, o conflito entre a ciência moderna e a fé, o impacto da Reforma, etc. Em seguida os tempos que já estão aí, os da chamada pós-modernidade, com a crise da própria cultura ocidental, os seus impactos sobre o cristianismo e as (novas) possibilidades abertas a este. Ao lado de coisas negativas (como a cultura do provisório, a idolatria do individual e da inerente liberdade, contra tudo o que é de ordem institucional, a emergência de grupos marginais de contestação, etc.), J. B. Libanio sublinha valores positivos (como o incremento no grau de humanidade, a contestação da idolatria da razão instrumental e da técnica, que, ao lado de frutos positivos, produziram efeitos catastróficos; o cultivo de novos valores: solidariedade, interesse pelos marginais, paz, convivência, etc.) O último capítulo aprofunda o anterior procurando descortinar aberturas da pós-modernidade para a causa da religião cristã e da Igreja católica. Questões da ordem dia são aí referidas, sempre de forma reduzida mas com as ideias essenciais, tais como: a proposta de Jesus Cristo por João Paulo II, as incertezas do futuro, o diálogo interreligioso, a situação ética actual, o cristianismo e a questão de uma ética global.

Um livro que se lê com muito gosto e muito proveito, como é habitual nos escritos de J. B. Libanio.

JORGE COUTINHO

Gheddo, Piero, **El desafío del Islam a Occidente**, col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2015, 205 p., 210 x 135, ISBN 978-8-4-285-4695-9.

Após séculos de dormência e renúncia ao expansionismo, o Islão acordou e está vindo ao de cima com fúria crescente. Inclusive, aproveitando-se da fraqueza espiritual do Ocidente, orgulhoso do seu laicismo, fruindo as sequelas da morte de Deus, mais preocupado com os seus desejos de "*panem et circenses*" do que com os grandes problemas que podem comprometer o seu futuro. O Islão está, pois, na ordem do dia. Mais ainda, o Islão em sua relação com o Ocidente e com o Cristianismo. A Europa e os EUA não podem furta-se a algumas (sérias) inquietações. Da Europa se receia mesmo que, dentro de algumas décadas, toda ela seja muçulmana. E todavia, acções e reacções de vulto surgem muito poucas. Por razões políticas, económicas, estratégicas, quando não simplesmente de medo – perante os planos de *revanche*, de terrorismo e de islamização total do mundo – o Ocidente cala-se e consente. Cala-se e suporta muitas injustiças e iniquidades, por aqueles levadas a cabo *in nomine Dei*.

O autor deste livro pode ajudar, como poucos, a compreender religião islâmica por dentro e a encarar os desafios que está colocando ao Ocidente. É sacerdote do PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), foi director de *Mondo e Missione* e de *Italia Missionaria* e fundador da agência de notícias missionárias *Asia News*. Percorreu os quatro cantos do mundo, incluindo muitos países islâmicos. Escreveu mais de oitenta livros.

O presente, embora em termos reduzidos (que facilitam a leitura) mas essenciais, oferece informação sobre múltiplos pontos e aspectos da religião